

Larry: A História de um Êrro

ROBERT McQUEEN

VI LARRY pela primeira vez há 10 anos, no dia em que foi internado no Hospital Estadual de Nevada. Alto e corpulento, de ombros curvados, ficou diante de mim com uma expressão vaga e atoleimada no rosto. Sua ficha indicava que havia sido declarado retardado ao nascer, há 31 anos, mas nenhum síndrome específico fôra identificado. A mãe, separada do marido quando o menino nasceu, conseguira posteriormente colocá-lo em uma instituição particular para deficientes mentais. Larry passara a vida toda ali desde aquela época até à presente transferência, tornada necessária porque o

Ao nascer, êle foi internado num asilo para retardados mentais. Permaneceu ali 31 anos, quieto, sem reclamar — e sem ser retardado

dono do asilo vendera o prédio a uma firma imobiliária.

Diagnóstico. A entrevista de Larry comigo, para exame psicológico, começou com um apêto de mãos pegajoso. Apesar de bem conformado fisicamente, êle

parecia ligeiramente obeso. O rosto era redondo e corado, sem nenhum dos sinais fisiológicos que são em geral as marcas características dos retardados—olhos oblíquos, língua espessa, cabeça assimétrica.

Para deixá-lo à vontade, falei sobre trivialidades. Larry deu respostas calmas e educadas. Quando minha investigação se voltou para os primeiros anos dêle, tornou-se vago.

Não se recordava de nenhum colega internado com quem tivesse feito amizade. Dos médicos e enfermeiras, disse que raramente tinham tempo para dedicar aos pacientes individualmente. Evidentemente, nada houvera que se assemelhasse a um programa educacional. Aparentemente Larry passara os anos numa ociosidade quase ininterrupta.

Para medir sua inteligência, escolhi um teste do tipo Binet, que abrange quesitos agrupados em diferentes níveis de dificuldade. É geralmente aplicado verificando-se o nível de idade no qual o paciente responde a todos os quesitos e, tal como se vai levantando o sarrafo no salto em altura, o paciente é levado a grupos de perguntas cada vez mais difíceis até falhar em todos os quesitos agrupados na mesma série.

Comecei com Larry no nível de oito anos. O primeiro quesito mandava que o examinador lesse em voz alta uma história simples, de menos de 100 palavras, no fim da qual são feitas cinco perguntas ao examinando a respeito do conteúdo. Larry respondeu a tôdas as perguntas, mas pareceu um pouco perplexo com o que lhe estava acontecendo.

Passamos para o nível de nove anos, que incluía questões como a repetição de números de quatro algarismos em ordem inversa e rimar diversos substantivos comuns. Larry acertou o quesito dos números na primeira tentativa, e no das rimas deu facilmente palavras aceitáveis. Deu o trôco certo para duas moedas

e encontrou os absurdos evidentes em uma série de afirmações. Estava pronto para o nível de 10 anos.

Ao iniciarmos êsse nôvo grupo de quesitos, a atitude de Larry se afigurou ao mesmo tempo mais descontráida e de uma vivacidade que eu antes não observara. O nível dos 10 anos inclui um teste de vocabulário que começa com palavras familiares a crianças de idade de escola primária e vai-se tornando mais difícil, terminando com palavras extremamente complexas. São 45 palavras ao todo. A pessoa passa definindo 11 das 45; o adulto mediano deve definir 20. Larry marcou um escore de 30—suficiente para passar no nível superior de adulto. Entre as palavras que êle definiu estavam “perspicaz”, “prantear” e “piscatório”.

À medida que prosseguia o teste de inteligência, as marcas de Larry continuavam a melhorar. Êle passou tranqüilamente pelos níveis de 11, 12, 13 e 14 anos sem um êrro. Concluído o teste, verifiquei que o seu Quociente de Inteligência era de 97—equivalente ao do adulto mediano. Com tôda a certeza, Larry não era retardado.

Mistério. Dadas as circunstâncias, êle era extraordinário. Nunca passara um único dia numa escola, e no entanto sabia ler muito bem. Como? A explicação do próprio Larry foi simples: “Aprendi a ler sozinho.” Quando lhe pediram para dar pormenores, êle disse que ficava horas olhando livros velhos doados ao asilo. Sua preferência no comêço

ia para aquêles de figuras com nomes impressos logo embaixo. Com o tempo, ficou identificando as palavras isoladas e pensando nas coisas representadas pelos desenhos. Sua inteligência passou despercebida; quando o pessoal do asilo o via com um livro, achava que êle estava apenas segurando um objeto, como fazem os retardados.

A essa altura, o mistério que mais sobressaía não era Larry, mas a mãe dêle. Teria ela deixado que o bebê normal fôsse criado em um asilo devido a algum colossal êrro médico? Teria ela sabido o tempo todo que êle era normal, e mesmo assim, por alguma motivação mórbida, tramara para mantê-lo internado? Duas cartas pedindo-lhe para comparecer a uma entrevista ficaram sem resposta. Finalmente, alcançada por um telefonema interurbano, ela relutantemente concordou em ir ao hospital no fim-de-semana seguinte.

“Eu lhe Contarei Uma História”. A mulher que entrou em meu gabinete era uma figura marcante, de rosto inteligente. Não era difícil ver que ela tinha sido linda. De saída ela deixou claro que viera conversar comigo, mas não tinha intenção de ver o filho. Desde que o colocara na primeira instituição, disse-me ela, não chegara a vê-lo uma dúzia de vêzes.

Perguntei-lhe por que havia resolvido desligar-se completamente do filho, e a resposta foi pronta. Saber que o filho era retardado fôra um rude golpe para ela; por isso não

quis sofrer novas torturas com encontros freqüentes.

Percebendo que esta pergunta havia induzido um estado de tensão, mudei de assunto, passando a falar nos primeiros dias após o nascimento do menino. Quem fôra o médico que o examinara? Fôra solicitada a opinião de outro médico? Quem recomendara a internação imediata? Qual havia sido o papel do pai nessa decisão?

Minha nova série de perguntas fêz com que a angústia dela aumentasse mais ainda.

—Que diferença poderia fazer agora o que dois médicos disseram há 30 anos a respeito de um bebê?— indagou ela.—Êle foi diagnosticado como uma criança deficiente, e um asilo pareceu ser o melhor lugar para êle. Só fiz o que me aconselharam a fazer.

Decidindo não guardar mais as minhas conclusões, respondi:

—Faz uma grande diferença: os médicos daqui são unânimes em sua convicção de que Larry não é retardado.

—Como o senhor pode dizer que êle não é retardado?—perguntou ela.—Êle foi criado com aquelas . . . criaturas. Êle nunca foi à escola. Qualquer pessoa criada assim não seria retardada?

Admiti que Larry mostrava os efeitos de um imenso isolamento social, que êle era incrivelmente ingênuo e mal informado a respeito de alguns dos assuntos mais corriqueiros da vida. No entanto, sua inteligência

geral era igual à de um homem mediano.

Ela levou um lenço amarrotado aos olhos. Após uma longa pausa, disse:

—Se o senhor me permite, eu lhe contarei uma história que nunca contei a ninguém.

ANOS ANTES, após ela formar-se no ginásio, apareceu na cidade um jovem em que ela viu uma oportunidade de fuga e de aventura. Os pais protestaram em vão; ela e o rapaz tornaram-se inseparáveis. No dia que soube que ia ter um filho, ela deu-lhe a notícia. Na manhã seguinte ele sumiu.

Humilhada por êsse abandono abrupto, morta de medo de que os pais descobrissem o segredo, ela mudou-se para uma cidade maior e arranjou emprêgo num banco. Um chefe de seção, rapaz pacato originário de uma família distinta, interessou-se por ela. Um mês depois, propôs-lhe casamento.

Ciente de que não poderia contar-lhe o seu segredo, ela aceitou o pedido—e pôs em ação um plano desesperado. Disse ao noivo que tinha uma avó idosa, muito querida desde sua infância, que agora estava à morte numa cidade distante e perguntava ansiosamente por ela. Ela tinha de ir, disse; êles poderiam casar-se quando regressasse.

A “casa da avó” foi um apartamento de dois cômodos num sobrado que ela alugou perto de um hospital. Depois, na cantina do hospital,

ela soube de um médico que fôra suspenso por questões de ética; êsse médico pretendia abrir uma instituição particular para crianças retardadas de famílias ricas.

Ela o localizou, e êle concordou em fazer o parto e cuidar da criança—mediante remuneração—até quando ela pudesse ser adotada sem alarde. Pouco depois do nascimento de Larry (e da “morte” da avó), ela voltou para o noivo, e realizou-se o casamento. O marido imediatamente deu-lhe uma generosa mesada, de que nunca pedia contas. Foi desta mesada que ela pôde ir pagando ao médico.

No início do primeiro ano de vida de Larry o médico começou a insinuar que êle poderia ser retardado, o que impossibilitaria a adoção. Nas raras visitas que fazia à instituição, a mãe de Larry só via a criança rapidamente, e ela se parecia mesmo com as outras infelizes entre as quais vivia. Por fim ela se convenceu de que o médico estava certo. Seu filho era deficiente mental e devia ficar em uma instituição. E ficou.

EU PODERIA fazer uma centena de perguntas fúteis, mas não havia nenhum hiato importante na história dela. Metade da vida de um homem fôra inutilizada pelo orgulho irracional de uma mãe e pela cupidez de um médico. Nenhum tribunal poderia restaurar o que Larry perdera, e ademais o castigo a esta altura só serviria para atormentar um homem senil e causar mais dor a uma mãe

já atormentada pelas reminiscências de seu êrro. Era melhor concentrar a atenção no próprio Larry.

Nenhum de nós no hospital alimentava esperanças de poder auxiliar Larry a recuperar o que lhe fôra negado, mas nós todos o mergulhamos numa grande torrente de atividades variadas. Êle passava horas lendo, assistia a peças e provas desportivas. Aprendeu a tocar piano e tornou-se exímio dançarino. E—o que é mais importante—passou a conversar. E com isso sua fala e sua expressão facial perderam a monotonia e insipidez.

Para nossa satisfação Larry foi o primeiro a falar na possibilidade de deixar o hospital e procurar trabalho. Uma firma de paisagistas ofereceu-lhe emprêgo. Êle aceitou, mudou-se para a cidade e alugou uma morada própria. Ficou nesse emprê-



go quase um ano, visitando freqüentemente os amigos no hospital.

Um dia passou em meu consultório, com uma maleta na mão, para comunicar que ia viajar. Explicou que um paisagista de outra cidade lhe oferecera um bom lugar. Disse que era o que êle estava precisando. Acompanhei-o à saída do hospital para desejar-lhe boa sorte e vê-lo entrar no ônibus. Quando o ônibus arancou, êle acenou alegremente para mim.

Nunca mais o vi, mas penso sempre nêle. Por que êle nunca tentara fugir? Que espécie de homem teria sido êle em condições normais? Finalmente, a pergunta mais incômoda de tôdas: quantos Larrys haverá no mundo? Como poderemos nós, que somos parte do ambiente de Larry, impedir a repetição da terrível injustiça praticada contra êle?



A Natureza e a Civilização

UM PAÍS civilizado é onde a pessoa tem de ir para uma região atrasada para respirar ar puro.

—*Sun-Time* de Chicago

PODEM construir-se cinco casas com a madeira de uma única sequóia de 150 m, da Califórnia. Infelizmente, não se pode construir nenhuma sequóia com a madeira de cinco casas.

—Jerome Beatty Jr., em *Saturday Review*

DESCRIÇÃO da Ponte Verrazano-Narrows sôbre a bôca do Rio Hudson, na Baía de Nova York: “O homem fêz do rio um esgôto e por cima dêle construiu um poema.”

—CBS-TV